

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: a notíciaClass.: 155Data: 07.05.85Pg.: 3

Novos dados

Sepultado sábado em Lábrea o corpo da Irmã Cleusa

Enterrado no sábado, dia 4, às 22 horas, no cemitério de Lábrea, o corpo da freira Agostiniana Cleusa Carolina Rody Coelho. A informação faz parte do relatório encaminhado ao Cimi Norte I, ontem, pelo missionário Egon Dionísio, que trabalha na região do Purus, com comunidades indígenas, e que era amigo pessoal da Irmã Cleusa.

O relatório diz que a freira sofreu fratura no crânio, e teve várias costelas e um braço quebrados, de acordo com as revelações feitas pela série de raio-X, procedida no hospital de Lábrea, no corpo da religiosa que já se encontrava em acelerado estado de decomposição. Até o momento, nenhum procedimento oficial sobre as quatro mortes ocorridas no rio Parciá, Lábrea, nos últimos dias de abril.

As informações repassadas por Egon Dionísio subsidiam o difícil quadro que missionários, autoridades policiais e a comunidade tentam montar sobre o conflito envolvendo os índios Apurinã. Até ontem, as notícias divulgadas davam como três o número de mortos; hoje, através do relatório de Egon, fica evidenciado que quatro pessoas foram mortas. São elas Maria - esposa do Tuxaua Agostinho, da nação Apurinã, das aldeias do Japiim, e Nova Esperança, no Rio Parciá; Arnaldo - filho do Tuxaua Agostinho, 17 anos; Irmã Cleusa da comunidade das Irmãs Missionárias Agostinianas e coordenadora do sub-regional Purus, do Cimi/Norte I; e Francisco Gomes Martins - morador da cidade de Lábrea, 20 anos. Segundo Egon o assassinato de Maria e Arnaldo, que tem em Raimundo Povidem, índio Apurinã da aldeia do Arapaçu, a principal suspeita, ocorreu entre os dias 24 e 26 de abril. No dia 26, à tarde, a notícia das mortes chegava a Lábrea, através de Edivan, colega de Raimundo, que esteve presente no ato da matança. Irmã Cleusa que havia retardado a sua ida ao Parciá porque o índio que a acompanharia adoeceu, muito preocupada com os novos fatos e sem saber concretamente o que ocorria, decidiu ir ao rio Parciá, com um noco acompanhante, Raimundo Paulo genro de Agostinho. Os dois saíram de Lábrea no dia 27, às 10 horas. No ponto da balsã emprestaram uma canoa e um motor de popa, e na noite daquele dia, pousaram na casa do Tuxaua Agostinho. No dia seguinte rumaram para o Parciá e ao meio dia encontraram uma outra canoa que subia o rio. Raimundo Paulo conta que a Irmã Cleusa pediu-lhe para parar a embarcação, foi quando houve troca de tiros, na qual Raimundo Paulo saiu ferido. Desse momento não houve mais informações sobre a Irmã Cleusa. Egon Dionísio diz que é quase certo que a religiosa tenha sido morta no dia 28, com muita violência, em face da quantidade de ossos quebrados que os exames revelaram. O acompanhante da freira chegou a Lábrea dia 29, às 17 horas. Dia 30, chegava em Lábrea uma equipe da Funai de Porto Velho liderada por seu delegado, Apoena Meirelles. Dia 1º de maio, uma equipe integrada por Frei Jesus, o pai de Raimundo Povidem, Apoena Meirelles e Amauri-estes da Funai-, subiu o Parciá até próximo a casa do Tuxaua Agostinho, onde foi vista, sem verificação, uma canoa emborcada, e que mais tarde viria a se saber tratar-se da embarcação em que viajava Irmã Cleusa. No dia 2, a equipe da Funai, retornou a Porto Velho. Segundo Egon Dionísio, a polícia militar desde o primeiro momento em que foi solicitada alegou ter recebido ordens do Comando de Manaus para não participar no caso. Frei Jesus, com mais três voluntários, faz nova busca quando alertados pela presença de urubus próximos à canoa emborcada, encontram um corpo em decomposição, que por razões de temor não foi removido. No dia 4, Frei Jesus havia combinado com a polícia para saírem às 5 horas e buscar o corpo, mas a polícia alegou ter recebido ordens do Comando de Manaus, para só irem ao local se acompanhada pela Funai. As 11 horas, como a Funai não chegava Frei Jesus e populares pressionaram a polícia e esta resolveu, então, comunicar ao Comando de Manaus que iria buscar o corpo. Quando a polícia, Frei Jesus, o médico Robison, do hospital de Lábrea, chegaram ao local, encontraram o corpo deslocado uns quatro metros além do local em que se encontrava no dia anterior. O reconhecimento do corpo só foi possível através da arcada dentária. Depois de providenciada, a sua remoção para o hospital local, onde foram feitos os exames com raio X, que constataram que Irmã Cleusa foi morta com muita violência.